

A Guerra Civil nos deu um governo federal. A Grande Guerra nos transformou em nação credora. Como banqueiros, precisamos antecipar as mudanças que a guerra vai impor (...) Eu vejo a ascensão deste país a uma posição que nenhum outro no mundo já ocupou. Nem os romanos. Nem os carolíngios. Nem Gengis Khan, os tártaros, ou a França de Napoleão. Rá! Vocês todos estão olhando para mim como se eu tivesse um parafuso a menos. Como isso seria possível, vocês se perguntam. A resposta é que o nosso predomínio não virá da submissão militar de outros povos. Vamos emergir desta guerra vitoriosos e quase ilesos, e vamos nos transformar nos banqueiros do mundo. Vamos exportar os nossos sonhos, a nossa língua, a nossa cultura, o nosso modo de vida. E não vai haver quem resista.

“Este livro merece entrar para o cânone de histórias de Nova York.”

The New York Times Book Review

“UM TRABALHO DE INCRÍVEL ESCOPO CINEMATOGRAFICO.”

The Guardian

“O tipo de livro no qual você mergulha com alegria.”

San Francisco Chronicle

“*Praia de Manhattan* é um épico sinuoso, repleto de detalhes sugestivos, metáforas certeiras e análises históricas claras.”

Bookforum

“O trabalho mais notável de Egan até o momento.”

The Boston Globe

“EGAN PESQUISOU METICULOSAMENTE ESSE PERÍODO DA HISTÓRIA, E OS PERSONAGENS DOS POLÍTICOS DE CARÁTER DUVIDOSO, CHEFES DO CRIME ORGANIZADO E POLICIAIS SUSPEITOS FAZEM DA LEITURA UMA SAGA INTENSA E ENVOLVENTE.”

Marie Claire

“A primeira incursão de Egan na ficção histórica faz com que você se esqueça de que está lendo um romance sobre outra época”

Elle

PRAIA DE MANHATTAN

JENNIFER EGAN

TRADUÇÃO DE SERGIO FLAKSMAN



Copyright © 2017 by Jennifer Egan

TÍTULO ORIGINAL
Manhattan Beach

PREPARAÇÃO
João Sette Câmara
Marina Góes

REVISÃO
Juliana Souza
Taís Monteiro

DIAGRAMAÇÃO
Carolina Araújo | Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
E27p

Egan, Jennifer, 1962
Praia de Manhattan / Jennifer Egan; tradução Sergio Flaksman. - 1. ed. -
Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
448 p. ; 23 cm.

Tradução de: Manhattan beach
ISBN 978-85-510-0327-5

Romance americano. I. Flaksman, Sergio. II. Título.

18-48857

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para Christina, Matthew e Alexandra Egan,
e para Robert Egan — o nosso tio Bob.*

Sim, como todos sabem, a meditação e a água estão ligadas para sempre.

— *MOBY DICK*, HERMAN MELVILLE

PARTE UM

O litoral

UM

Já tinham percorrido de carro todo o caminho até a casa do sr. Styles quando Anna percebeu que seu pai estava aflito. De início a viagem a distraíra, seguindo pela Ocean Parkway como se rumassem para Coney Island, embora, decorridos quatro dias desde o Natal, o frio tornasse impróprio um passeio à praia. E então a casa: um palácio de tijolos amarelo-ouro com três andares, janelas por toda a volta, o esvoaçar confuso dos toldos listrados de amarelo e verde. Era a última casa da rua sem saída, que terminava à beira-mar.

Seu pai manobrou o Duesenberg rente à calçada e desligou o motor.

— Meu bem — disse ele. — Não fique olhando de esguelha para a casa do sr. Styles.

— É claro que não.

— Mas estava fazendo isso ainda agora.

— Não — retrucou ela. — Só estou estreitando os olhos.

— Isso é olhar de esguelha. É esse o sentido.

— Para mim, não.

Virou-se bruscamente para ela.

— Não olhe de esguelha.

Foi então que percebeu. Ouviu o pai engolir em seco e sentiu um ronco de preocupação no próprio estômago. Não estava acostumada a ver o pai aflito. Cismado, sim. Preocupado, com certeza.

— Por que o sr. Styles não gosta que olhem de esguelha? — perguntou ela.

— Ninguém gosta.

— Você nunca me contou.

— Você quer voltar para casa?

- Não, obrigada.
- Posso levar você para casa.
- Se eu olhar de esguelha?
- Se me der a dor de cabeça que estou começando a sentir.
- Se você me levar para casa, vai se atrasar muito.

Achou que fosse tomar um tapa. Ele já tinha feito isso antes, no dia em que ela desfiou um rosário de palavras que tinha ouvido no porto, a mão repentina como um chicote atingindo-lhe a face. O espectro daquela bofetada ainda assombrava Anna, com o estranho efeito de acentuar sua audácia, em rebeldia.

O pai dela esfregou o centro da testa, depois olhou para Anna no banco de trás. A aflição dele tinha passado; ela o havia curado.

— Anna, você sabe o que eu preciso que você faça.

— Claro.

— Seja encantadora com os filhos do sr. Styles enquanto eu converso com o pai, e é só — resumiu ele.

— Eu já entendi, pai.

— Claro que sim.

Ela desceu do Duesenberg com os olhos bem abertos, lacrimejantes ao sol. Aquele automóvel fora deles até a quebra da bolsa. Depois passou ao sindicato, que o emprestava agora a seu pai quando ele saía para tratar de assuntos de trabalho. Quando não estava na escola, Anna gostava de acompanhá-lo ao hipódromo, aos cafés da manhã comunitários e outros eventos da igreja, aos edifícios comerciais em que elevadores os alçavam para andares mais altos, e de vez em quando até a restaurantes. Mas nunca antes o acompanhara a uma residência como aquela.

A porta foi atendida pela sra. Styles, com sobancelhas esculpidas como as de uma estrela de cinema e a boca larga pintada de vermelho lustroso. Acostumada a considerar a própria mãe mais bonita que qualquer outra mulher, Anna ficou desarmada ante o encanto evidente da sra. Styles.

— Pensei que seria apresentada à sra. Kerrigan — disse sra. Styles com voz rouca, usando ambas as mãos para apertar a do pai de Anna.

Ele respondeu que sua filha mais nova tinha adoecido naquela manhã, e a esposa tinha ficado em casa para cuidar dela.

Nenhum sinal do sr. Styles.

Educadamente, mas (esperava ela) sem dar qualquer sinal de surpresa, Anna aceitou um copo de limonada de uma bandeja de prata trazida por uma cria-

da negra de uniforme azul-claro. No alto brilho do piso de madeira do saguão, ela vislumbrou o reflexo do vestido vermelho que usava, feito pela mãe. Para além das janelas de uma sala adjacente, o mar se eriçava sob um sol tímido de inverno.

A filha do sr. Styles, Tabatha, tinha só oito anos, três anos a menos do que Anna. Ainda assim, Anna permitiu que a menina mais nova a rebocasse pela mão até a “creche” no piso inferior, um aposento todo dedicado a atividades infantis, abarrotado com uma variedade impressionante de brinquedos. Um reconhecimento rápido revelou uma boneca Flossie Flirt, vários ursos de pelúcia de bom tamanho e um cavalinho de balanço. Havia também uma “Babá” no quarto, uma mulher sardenta de voz rouca cujo vestido de lã abaulava como uma estante superlotada de livros, no esforço para conter seu busto imenso. Pelo arranjo geral de feições e pela agitação animada dos seus olhos, Anna adivinhou que era irlandesa e sentiu o perigo de ser transpassada por aquele olhar. Achou melhor manter certa distância.

Dois meninos pequenos — gêmeos, ou quase indistinguíveis — esforçavam-se para montar os trilhos de um trem elétrico. Em parte para evitar Babá, que rejeitava os pedidos de ajuda dos meninos, Anna agachou-se ao lado dos trilhos soltos e ofereceu seus préstimos. Percebia com a ponta dos dedos a lógica das peças do mecanismo; era algo que lhe ocorria com tal naturalidade que só podia concluir que as outras pessoas não se esforçavam de fato. Elas sempre tentavam *ver* o que precisava ser feito, tão inútil para a montagem de qualquer coisa quanto estudar uma pintura pelo tato. Anna conectou a peça que vinha atormentando os garotos e tirou várias outras da caixa recém-aberta. Era um trem Lionel, e a qualidade dos trilhos ficava evidente na solidez dos encaixes. Enquanto trabalhava, Anna lançava olhares ocasionais à boneca Flossie Flirt socada na ponta de uma prateleira. Dois anos antes tinha desejado uma igual tão violentamente que aquele desespero parecia ter se despedaçado e deixado um fragmento nela para sempre. Era estranho e doloroso redescobrir agora esse desejo antigo, logo naquele lugar.

Tabatha carregava no colo a boneca nova que tinha ganhado no Natal, uma Shirley Temple com um casaco de pele de raposa. Arrebatada, observava o jeito como Anna montava os trilhos do trem de seus irmãos.

- Onde você mora? — perguntou Tabatha.
- Perto daqui.
- Na beira da praia?

— Perto.

— Posso ir na sua casa?

— Claro — respondeu Anna, engatando os trilhos na mesma velocidade com que os meninos lhe entregavam cada peça.

Um oito estava quase completo.

— Você tem algum irmão? — perguntou Tabatha.

— Uma irmã. Tem oito anos, igual a você, mas é malvada. E só porque é muito bonita.

Tabatha fez um ar de espanto.

— Bonita mesmo?

— Extremamente bonita — enfatizou Anna. E acrescentou: — Parece com a nossa mãe, que era dançarina do Ziegfeld Follies.

E o erro dessa bravata só lhe ocorreu momentos mais tarde. *Nunca vaze informação, a menos que não tenha outra escolha.* A voz do pai nos ouvidos dela.

O almoço foi servido pela mesma criada negra em uma mesa da sala de brinquedos. Sentaram-se como adultos em cadeiras pequenas, com guardanapos de pano no colo. Anna lançou vários olhares à boneca Flossie Flirt, em busca de algum pretexto para pegá-la no colo sem admitir muito interesse. Se pelo menos pudesse senti-la em seus braços, já ficaria satisfeita.

Depois do almoço, como uma recompensa pelo comportamento impecável, Babá permitiu que as crianças se agasalhassem com casacos e chapéus e disparassem pela porta dos fundos por um caminho atrás da casa do sr. Styles que dava em uma praia particular. Um longo arco de areia salpicada de neve se inclinava até o mar. Anna já estivera muitas vezes no porto em pleno inverno, mas nunca em uma praia. Ondas minúsculas comprimiam-se debaixo de finas películas de gelo que se desfaziam quando pisava nelas. Gaivotas gritavam e mergulhavam no vento forte, as barrigas muito brancas. Os gêmeos tinham trazido pistolas de raio de Buck Rogers, mas seus disparos e gritos simulando a agonia da morte eram transformados em mímica pelo vento.

Anna observava o mar. O sentimento que lhe ocorria, de pé à beira da água, era uma combinação elétrica de atração e pavor. O que seria revelado se toda aquela água sumisse de uma hora para outra? Uma paisagem de objetos perdidos: navios afundados, tesouros ocultos, ouro, pedras preciosas e a pulseira com pingentes que lhe caíra do pulso em um bueiro de rua. *Cadáveres*, seu pai sempre acrescentava, com uma risada. Para ele, o oceano era um vasto terreno baldio.

Anna olhou para Tabby (o apelido da menina), que tremia a seu lado, e quis lhe contar o que sentia. Normalmente, era mais fácil dizer as coisas a desconhecidos. Em vez disso, repetiu o que seu pai sempre falava quando se defrontava com um horizonte despovoado:

— Nenhum navio à vista.

Rumo às ondas, os meninos carregavam suas pistolas pela areia, com Babá ofegando atrás deles.

— Phillip, John-Martin, não cheguem nem perto dessa água! — arfava ela, em volume surpreendente. — Estão me entendendo?

Ela lançou um olhar ríspido a Anna, que os tinha conduzido naquela direção, e arrebanhou os gêmeos para casa.

— Você está molhando seus sapatos — apontou Tabby, batendo os dentes.

— Seria melhor tirar de uma vez? Para sentir o frio? — propôs Anna.

— Eu não quero sentir o frio!

— Mas eu, sim.

Tabby ficou olhando enquanto Anna desafivelava as tiras dos sapatos pretos de verniz que compartilhava com Zara Klein, sua vizinha de baixo. Desenrolou as meias de lã e enfiou os pés brancos, ossudos, compridos para a sua idade, na água gelada. Os pés transmitiram para o coração a agonia dos sentidos, a qual era em parte uma chama de dor que lhe pareceu inesperadamente agradável.

— O que você está sentindo? — gritou Tabby.

— Frio. Muito, muito frio.

Anna precisou de todas as forças para não sair da água, e sua resistência somou-se à estranha animação. Olhando na direção da casa, viu dois homens de sobretudo escuro vindo pelo calçamento que conduzia à areia. Segurando os chapéus ao vento, pareciam atores de um filme mudo.

— São os nossos pais?

— Papai gosta de falar de negócios ao ar livre — comentou Tabby. — *Longe de ouvidos enxeridos.*

Anna sentiu uma compaixão benévola pela jovem Tabatha, excluída dos assuntos de trabalho do pai, pois podia escutar o que quisesse. Mas ouvia pouco que a interessasse. As funções de seu pai eram transmitir cumprimentos, ou congratulações, entre o pessoal do sindicato e outros homens, amigos dos primeiros. A esses recados podia se somar um envelope, às vezes um pacote, que seu pai entregava ou recebia com gestos casuais — e você só percebia a troca de mãos se acompanhasse tudo com muita atenção. Ao longo dos anos,

tinha dito muita coisa a Anna sem saber quanto contava, e ela vinha escutando sem saber direito o que ouvia.

Ficou surpresa com o ar de familiaridade e de animação que o pai ostentava na conversa com o sr. Styles. Tudo indicava que tinham ficado amigos. No fim das contas.

Os homens mudaram de rumo e puseram-se a atravessar a areia na direção de Anna e Tabby. Anna tirou depressa os pés da água, mas tinha deixado os sapatos longe demais para calçá-los a tempo. O sr. Styles era um homem grande e imponente, com cabelos negros cobertos de brilhantina despontando por baixo da aba do chapéu.

— Esta aqui é a sua filha? — perguntou o sr. Styles. — Exposta a temperaturas polares sem nem mesmo um par de meias?

Anna percebeu o desagrado de seu pai.

— Parece que sim. Anna, dê bom-dia ao sr. Styles.

— Muito prazer — disse ela, apertando a mão do homem com firmeza, conforme seu pai ensinara, e tomando o cuidado de não olhar de esguelha enquanto o fitava de baixo para cima.

O sr. Styles parecia mais jovem que seu pai, sem marcas ou rugas no rosto. Reparou certa vigilância nele, uma tensão no corpo que se percebia mesmo por baixo do sobretudo drapejando. Ele parecia estar à espera de algo que lhe provocasse uma reação ou de alguma distração. Naquele momento, foi Anna.

O sr. Styles agachou-se na areia ao lado dela e olhou diretamente para o seu rosto.

— Por que os pés descalços? — perguntou ele. — Não sente frio, ou está só se exibindo?

Anna não tinha uma resposta pronta. Não era uma coisa nem a outra; era antes um impulso instintivo de manter Tabby em um estado de admiração e interesse. Mas nem isso ela foi capaz de articular.

— Por que eu iria me exhibir? Estou com quase doze anos — afirmou ela.

— Bem, e qual é a sensação?

Ela sentiu cheiro de hortelã e álcool no hálito do homem, apesar de todo o vento. E percebeu que o pai dela não tinha como escutar aquela conversa.

— Só dói no começo — respondeu ela. — Depois de um tempo, você não sente mais nada.

O sr. Styles sorriu, como se a aquela resposta fosse uma bola lançada, a qual ele teve um prazer quase físico em receber.

— Sábias palavras — constatou ele, e depois tornou a se aprumar em toda a sua impressionante altura. — Ela é forte — comentou para o pai de Anna.

— Isso ela é — concordou o pai, evitando os olhos dela.

O sr. Styles sacudiu a areia da calça e virou-se para ir embora. Tinha esgotado aquele momento, e já estava à procura do seguinte.

— Elas são bem mais fortes do que nós — ouviu-o dizer ao pai. — Por sorte nossa, não sabem disso.

Anna achou que ele se viraria para trás para olhá-la de novo, mas ele deve ter esquecido.

Dexter Styles sentiu a areia se insinuar nos sapatos sociais enquanto os passos afundavam rumo ao calçamento. Não havia dúvida de que a dureza contida que sentia em Ed Kerrigan tinha florescido magnificamente naquela filha de olhos escuros. Prova daquilo em que sempre acreditou: os filhos revelam que tipo de homens são seus pais. E era por isso que Dexter raramente fazia negócios com qualquer homem sem antes conhecer sua família. Queria que Tabby também tivesse tirado os sapatos.

Kerrigan dirigia um Duesenberg modelo J de 1928, azul-niágara, prova de bom gosto e de prosperidade antes da quebra da bolsa. Tinha um excelente alfaiate. Ainda assim, alguma coisa obscura pairava sobre aquele homem, algo que depunha contra suas roupas, seu carro e até contra sua conversa franca e ágil. Uma sombra, algum remorso. Mas também, quem não exibia algum desses sinais? Ou vários?

Quando chegaram ao trecho calçado, Dexter já estava decidido a contratar Kerrigan, desde que pudessem chegar a bons termos.

— Você tem tempo para conhecer um velho amigo meu? — perguntou Dexter.

— Claro.

— Sua mulher não está esperando em casa?

— Não antes do jantar.

— E a sua filha? Vai ficar preocupada?

Kerrigan riu.

— Anna? Eu é que sempre me preocupo com ela.

Anna esperava que seu pai a chamasse para ir embora da praia a qualquer momento, mas foi Babá quem acabou aparecendo, bufando indignada, orde-

nando que as crianças saíssem do frio. A luz havia mudado, e a sala de brinquedos parecia austera e sombria. Era aquecida por uma fornalha de ferro exclusiva. As crianças comeram biscoitos de nozes e ficaram vendo o trem elétrico lançar vapor de verdade pela chaminé em miniatura enquanto percorria o oito que Anna tinha montado no chão. Ela nunca tinha visto um brinquedo como aquele, nem conseguia imaginar quanto custaria. Já estava cansada daquele passeio. Tinha durado muito mais do que as outras visitas sociais que faziam, e desempenhar aquele papel para as outras crianças a deixara exausta. Pelas suas contas, fazia horas que não via seu pai. Depois de algum tempo, os meninos largaram o trem em movimento e foram ver livros de figuras. Babá cochilava em uma cadeira de balanço. Tabby estava estendida em um tapete trançado, apontando seu caleidoscópio novo para a luz.

Em tom casual, Anna perguntou:

— Me empresta aquela Flossie Flirt?

Tabby concordou com um aceno vago, e Anna tirou o brinquedo da estante com o maior cuidado. Aquelas bonecas vinham em quatro tamanhos, e aquele era o segundo menor — não o recém-nascido, mas o bebê um pouco maior, com os olhos azuis arregalados. Deitou a boneca de lado. E então, exatamente como prometiam os anúncios dos jornais, as íris azuis deslizaram para os cantos dos olhos, mantendo Anna em seu foco. Ela sentiu uma onda de alegria que quase lhe arrancou um sorriso. Os lábios do bebê desenhavam um “O” perfeito. Abaixo do lábio superior, viam-se dois dentes brancos pintados.

Como se farejasse a alegria de Anna, Tabby se levantou de um salto.

— Você pode ficar com a boneca! Que tal? — exclamou a menina. — Eu não brinco mais com ela mesmo.

Anna absorveu o impacto da oferta. Dois Natais antes, quando tinha desejado tão intensamente uma Flossie Flirt, não se atrevera a pedir uma de presente — os navios tinham parado de chegar, e estavam sem dinheiro em casa. A extrema ânsia física de possuir aquela boneca a transfixou mais uma vez, abalando sua certeza profunda de que a única opção, claro, era recusar.

— Não, obrigada — disse finalmente. — Eu tenho uma maior em casa. Só queria ver como era a menorzinha.

Com um esforço excruciante, obrigou-se a devolver a Flossie Flirt à prateleira, mantendo a mão encostada em uma das pernas de borracha até sentir sobre si o olhar de Babá. Simulando indiferença, deu as costas à boneca.

Tarde demais. Babá tinha entendido tudo. Quando Tabby saiu do quarto para atender a um chamado da mãe, Babá agarrou a boneca e quase a atirou nos braços de Anna.

— Fique com ela, querida — murmurou em tom feroz. — Tabby não dá a mínima: tem brinquedos demais. Todos eles têm.

Anna titubeou, tentando acreditar que podia haver algum meio de ficar com a boneca sem ninguém saber. Mas, só de imaginar a reação de seu pai, sua resolução ficou mais forte.

— Não, obrigada — respondeu, contida. — A verdade é que já estou grande demais para brincar de boneca.

Sem olhar para trás, saiu do quarto de brinquedos. Mas Babá a enfraquecera com sua compaixão. Seus joelhos tremiam ao subir a escada.

Ao ver seu pai no saguão da casa, Anna custou a resistir ao impulso de correr para ele e abraçar suas pernas, como fazia antigamente. Ele tinha vestido o sobretudo. A sra. Styles estava se despedindo.

— Da próxima vez, você precisa trazer sua irmã — disse a Anna.

O beijo que a mulher deu em seu rosto tinha um toque de perfume almiscarado. Anna prometeu que traria a irmã. Do lado de fora, o Duesenberg J refletia o brilho embotado do fim de tarde. Andava bem mais lustroso quando era deles; os rapazes do sindicato poliam bem menos a lataria.

Enquanto se afastavam da casa do sr. Styles, Anna procurava algum comentário espirituoso para desarmar o pai, do tipo que costumava fazer sem nem pensar quando era mais nova, provocando nele um sorriso admirado, a primeira indicação de que tinha sido engraçada. Ultimamente, a toda hora ela se surpreendia tentando recapturar uma sensação do passado, como se tivesse perdido algum frescor, ou alguma inocência.

— Acho que o sr. Styles não investia muito dinheiro na bolsa — finalmente disse.

O pai deu um riso abafado e puxou-a para perto.

— O sr. Styles não precisa investir na bolsa. Ele é dono de várias casas noturnas. Além de outras coisas.

— E tem ligação com o sindicato?

— Ah, não. Não tem nada a ver com o sindicato.

Isso deixou Anna surpresa. De maneira geral, os homens do sindicato andavam de chapéu, enquanto os estivadores usavam gorro. Alguns poucos, como o pai dela, usavam tanto chapéu quanto gorro, dependendo do dia.

Quando ele estava bem vestido, como naquele momento, Anna não conseguia imaginar seu pai carregando um gancho de estivador. A mãe dela guardava plumas exóticas dos trabalhos que fazia e as usava para adornar os chapéus do pai. Reformava o corte dos seus ternos para enquadrá-los na moda e ajustá-los a seu corpo magro e ossudo: ele tinha perdido peso depois que os navios pararam de chegar e passara a fazer menos exercício.

O pai dela dirigia com uma única mão no volante, um cigarro acomodado entre dois dedos, o outro braço em torno dos ombros de Anna. Ela se recostou nele. Ao final eram sempre os dois a caminho, Anna entregando-se a uma onda de satisfação sonolenta. Sentiu um cheiro diferente em meio à fumaça do cigarro, um aroma terroso e familiar que não conseguia identificar ao certo.

— Por que os pés descalços, meu bem? — finalmente perguntou o pai, o que já era esperado.

— Para sentir a água.

— É coisa de criança.

— Tabatha tem oito anos e não me imitou.

— Ela é mais ajuizada.

— O sr. Styles achou bacana eu ter tirado o sapato.

— Você não tem ideia do que passa pela cabeça do sr. Styles.

— Tenho sim. Ele conversou comigo, você que não escutou.

— Mas bem que percebi — comentou, olhando para a filha. — E o que ele disse?

A memória de Anna recuou até a areia, o frio, a dor nos pés e a curiosidade do homem a seu lado: tudo agora confundido com o seu desejo pela Flossie Flirt.

— Ele disse que eu era forte — respondeu ela, com voz embargada e olhos marejados.

— E é mesmo, meu bem — confirmou o pai, beijando o topo da cabeça de Anna. — Qualquer um logo vê.

Em um sinal de trânsito, ele tirou outro cigarro da marca Raleigh. Anna vasculhou o maço, mas já tinha extraído o cupom daquela embalagem. Ela torcia para que ele fumasse mais; já tinha reunido 78 cupons, mas os artigos interessantes do catálogo só começavam a partir de 125. Com oitocentos, você fazia jus a um faqueiro banhado em prata e que era alojado em uma caixa especial e servia seis pessoas, e setecentos davam direito a uma torradei-

ra automática. Mas esses números pareciam inatingíveis. O catálogo de prêmios da fábrica de cigarros Brown & Williamson trazia muito poucos brinquedos: só um panda de pelúcia Frank Buck, ou uma boneca Betsy Wetsy com um enxoval completo por 250 cupons, prêmios aquém do que esperava. Tinha se interessado pelo alvo de dardos “para crianças maiores e adultos”, mas não conseguia se imaginar arremessando dardos de ponta de metal no espaço acanhado do seu apartamento. E se um deles acertasse Lydia?

Havia fogueiras acesas nos acampamentos montados na área do Prospect Park. Faltava pouco para chegar em casa.

— Quase esqueci — disse o pai dela. — Olhe só o que estou trazendo.

Tirou um saco de papel do sobretudo e o entregou a Anna. Estava repleto de tomates muito vermelhos, cujo aroma terroso e intenso era o que ela tinha sentido.

— Como assim, tomates no inverno? — perguntou ela, admirada.

— O sr. Styles tem um amigo que planta tomates em uma estufa de vidro. E me deu de presente. Vamos fazer uma surpresa para a mamãe?

— Você saiu? Enquanto eu estava na casa do sr. Styles?

Havia uma pontada de mágoa naquele espanto. Em todos os anos em que vinha acompanhando o pai em suas saídas, ele nunca a deixava sozinha em lugar nenhum. Estava sempre por perto.

— Foi só por um minutinho, meu bem. Você nem sentiu minha falta.

— Era longe?

— Não.

— Senti sua falta sim.

Agora, Anna tinha a impressão de ter percebido que o pai tinha saído, sentindo o vácuo da sua ausência.

— Conversa fiada — disse ele, beijando-a de novo. — Você estava se divertindo como se não houvesse amanhã.